

## **Quem tem medo de se comunicar? Análise da apreensão na comunicação de estudantes de Ciências Contábeis**

### **JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA**

Mestre em Controladoria e Contabilidade pela FEA-RP/USP  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da FEA/USP  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 908, Sala 105c - 1º andar - FEA3, Cidade Universitária, São Paulo - SP.  
e-mail: jp.resendelima@hotmail.com

### **ELISABETH DE OLIVEIRA VENDRAMIN**

Doutora em Controladoria e Contabilidade pela FEA-RP/USP  
Professora do departamento de Contabilidade da ESAN/UFMS  
Av. Sen. Filinto Müller, 919-1015 - Pioneiros, Campo Grande – MS  
e-mail: elisabeth.vendramin@ufms.br

### **CLAUDIO DE SOUZA MIRANDA**

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela FEA/USP  
Professor do departamento de Contabilidade da FEA-RP/USP  
Av. Bandeirantes, 3900 - Vila Monte Alegre, Ribeirão Preto - SP, 14040-905  
e-mail: csmiranda@fearp.usp.br

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar a percepção dos discentes do curso de Ciências Contábeis acerca do sentimento de apreensão no desenvolvimento de textos escritos e orais, elementos essenciais para o desenvolvimento das competências de Comunicação. A apreensão na comunicação é um obstáculo que os estudantes enfrentam ao tentar melhorar sua habilidade de comunicação, a depender do nível de apreensão, é passível de um bloqueio tão grande no estudante, que o mesmo não consegue se expressar. Para alcançar o objetivo proposto, aplicou-se um questionário que visa coletar dados acerca do nível de apreensão oral e escrita de estudantes, por meio dos instrumentos WCA-6 e PRCA-24, já consolidados perante a literatura acerca do tema. Os resultados apontam que no âmbito da comunicação oral, existe um maior nível de apreensão, que acontece quando o estudante trabalha em grupo e inicia uma conversa informal. Elementos estatísticos nos mostram que a apreensão também se faz presente na modalidade de comunicação escrita. Ao comparar grupos de controle, a variável Sexo foi significativa, ou seja, as mulheres apresentaram um nível mais elevado de apreensão, tendo em vista o ambiente historicamente masculino da contabilidade. A análise dos níveis de apreensão pode auxiliar os docentes, coordenadores de cursos e órgãos reguladores a (re)pensar estratégias para diminuir a apreensão e melhorar o desenvolvimento dessa habilidade.

**Palavras-chave:** Comunicação Oral; Comunicação Verbal; Apreensão na Comunicação; Ciências Contábeis.

## **1. INTRODUÇÃO**

A comunicação oral e escrita é importante para que o contador desenvolva com maestria

seu trabalho, principalmente, pois ele é o preparador de demonstrativos (HIRSCH; ANDERSON; GABRIEL, 1994). Estudos mais recentes apontam que o papel do contador tem sido alterado de um profissional que cuida simplesmente dos livros contábeis para um profissional capaz de tomar decisões (MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014), assim, seu papel em reuniões de diretoria e conselhos tem ganhado mais importância e, conseqüentemente, sua habilidade de se comunicar também.

A literatura nacional acerca da formação do profissional contábil aponta que, no contexto brasileiro, a comunicação, na visão do mercado de trabalho, é uma habilidade importante para o profissional (MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014; MIRANDA; SOUZA; LIMA, 2017), contudo, seu desenvolvimento nos cursos de Ciências Contábeis ainda é considerada uma deficiência a ser superada (CORNACCHIONE JR; TROMBETTA, 2005; RIBEIRO, 2009; MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014; LIMA; ARAUJO, 2015). Da mesma maneira que essas pesquisas apontam, os órgãos reguladores nacionais, como o Conselho Nacional de Educação, e internacionais, como AICPA e IAESB, listam a comunicação como uma das principais habilidades a serem desenvolvidas nos estudantes de Ciências Contábeis.

Apesar da inegável importância da comunicação para a formação do futuro profissional contábil, pouco tem se discutido especificamente sobre ela, visto que nos diversos estudos acerca das competências profissionais ela é tratada em conjunta com outras competências como Tecnologias da Informação, Competências Contábeis, dentre outras (CORNACCHIONE JR; TROMBETTA, 2005; RIBEIRO, 2009; MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014; LIMA; ARAUJO, 2015). Além disso não foram encontrados trabalhos que discutam seu desenvolvimento nos cursos de graduação e/ou pós-graduação em Contabilidade mostrando-se uma lacuna empírica ao não ser discutida de maneira exclusiva e aprofundada, ao mesmo tempo que se mostra uma lacuna teórica a ser preenchida. Nesse sentido o presente estudo tem o objetivo de analisar a o nível de apreensão dos discentes do curso de Ciências Contábeis acerca desenvolvimento de textos escritos e orais, elementos essenciais para o desenvolvimento das competências de Comunicação.

A principal contribuição do trabalho é apresentar como os discentes do curso de Ciências Contábeis se sentem ao produzir textos orais e escritos ao mensurar os níveis de apreensão na comunicação de tais alunos, componentes essenciais do ato de se comunicar. A análise dos níveis de apreensão pode auxiliar os docentes, coordenadores de cursos e órgãos reguladores a (re)pensar estratégias para diminuir a apreensão e melhorar o desenvolvimento dessa habilidade. O presente estudo ainda discute tais níveis separando os discentes em grupos de acordo com experiência profissional prévia, experiência profissional corrente e em relação ao sexo do respondente.

O presente artigo está estruturado em cinco seções, tendo início nessa introdução. Na segunda seção são apresentadas as discussões teóricas e os estudos anteriores sobre o assunto. Na terceira e quarta seção são apresentados os procedimentos metodológicos, bem como os resultados e as discussões. Por fim apresentam-se as considerações finais do trabalho.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

A comunicação oral e escrita é importante para que o contador desenvolva com maestria seu trabalho, tendo em vista que o contador é o elaborador de demonstrativos financeiros, assim sendo, é o responsável por estabelecer a comunicação a contabilidade com diversos agentes (HIRSCH; ANDERSON; GABRIEL, 1994). Com a adoção das normas internacionais de contabilidade, conhecidas por *International Financial Report Standards* (IFRS) – que foram criadas com a intenção de facilitar o entendimento das informações contábeis, no contexto de um mundo globalizado e de poucas fronteiras – tal habilidade ganhou ainda mais importância, visto que o papel do contador foi profundamente alterado (MARIN; LIMA; CASA NOVA,

2014; LAWSON et al., 2014; SITHOLE, 2015).

Acerca da alteração do papel do profissional contábil a adoção das IFRS traz a necessidade de um profissional cada vez mais reflexivo e capaz de utilizar seus conhecimentos, competências e habilidades de maneira contextualizada (BARTH, 2008; SUNDER, 2010; JACKLING; HOWIESON; NATOLI, 2012). Tal mudança é refletida até mesmo em como o profissional contábil é enxergado pela sociedade, dessa maneira, o profissional contábil tem passado do estereótipo de profissional pouco flexível, cujas responsabilidades não passam de cálculos – o chamado “contador de feijões” – para um profissional com destaque nas empresas, que participa ativamente nos processo de tomada de decisão (BALDVINSDOTTIR et al., 2009).

Pela ótica da formação no ensino superior sabemos que os cursos devem seguir diretrizes propostas por órgãos reguladores e, sempre que possível, elaborar seu projeto político pedagógico voltado à formação de um profissional com características de formação global. O Conselho Nacional de Educação, por meio da resolução 10/2004, estabelece as diretrizes curriculares para o curso de Ciências Contábeis. No rol de oito competências e habilidades elencadas, a comunicação oral e escrita está implícita em pelo menos três delas.

O *International Accounting Education Standards Board* (IAESB), órgão ligado ao *International Federation of Accountants* (IFAC), emitiu no ano de 2015 a *International Education Standards 3* (IES), na qual as competências profissionais do contador foram divididas em quatro grupos: intelectual, interpessoal e de comunicação, pessoal e organizacional. Assim, a formação do contador deve fornecer suporte para que ele desenvolva habilidades na comunicação oral e escrita, tendo em vista que é uma diretriz imposta ao processo de formação, em âmbito nacional e internacional.

No mesmo sentido em 2010 o Institute of Management Accountants (IMA) e a Management Accounting Section (MAS) componente da American Accounting Association (AAA) formaram uma força tarefa – conhecida como a Pathways Commission – para discutir a formação dos futuros profissionais de Contabilidade e quais habilidades deveriam ser desenvolvidas ao decorrer dos cursos de graduação na área. A partir das discussões dessa força tarefa foi proposto o modelo de integração de competências, apresentado na Figura 1.

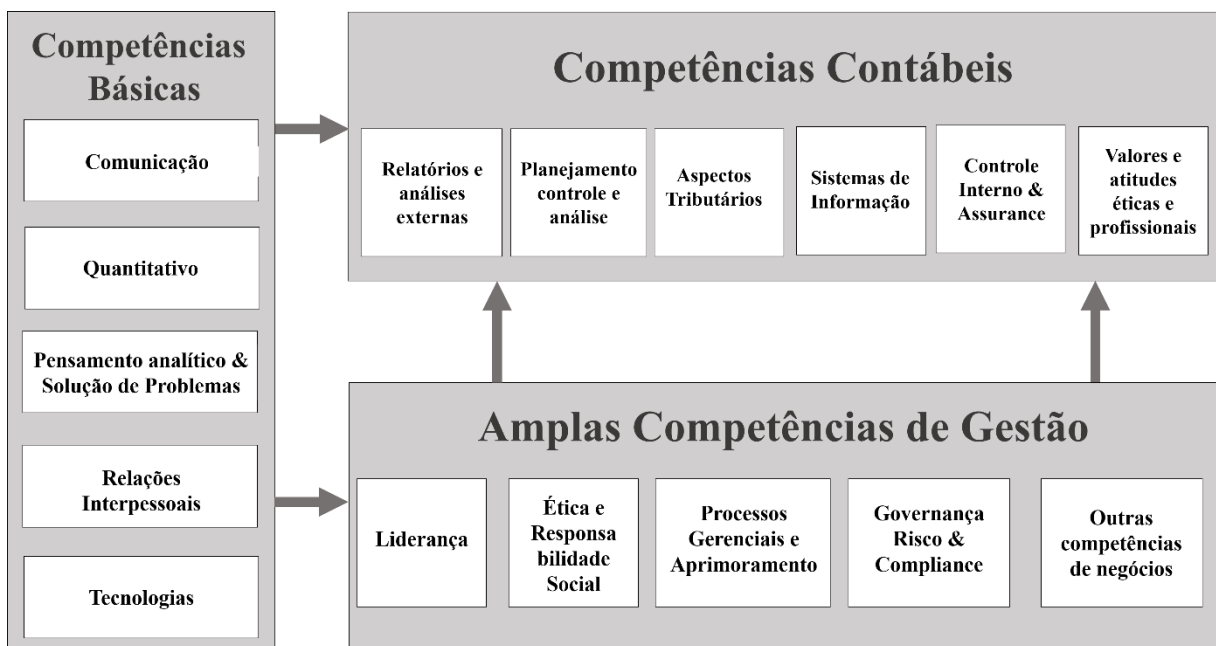


Figura 1 – Competency Integration – A Framework for Accounting Education

Fonte: Adaptado de Lawson et al., 2014.

Observa-se no modelo proposto pela *Pathways Commission* três grandes grupos de competências: as básicas, as relacionadas à Contabilidade e as relacionadas à gestão. Dentro do grupo das competências básicas observa-se que a primeira destacada é a comunicação. Lawson et al. (2014) afirmam que a comunicação é um fator importante para o profissional da área contábil e que envolve mais do que apenas saber falar ou escrever, tal competência envolve a habilidade de dialogar com diferentes públicos, saber reconhecer e adaptar os diferentes públicos e situações, além das habilidades relacionadas à comunicação não verbal – como postura e linguagem corporal.

A partir do apresentado, nota-se que existe uma expectativa dos contextos nacionais e internacionais de que os graduados nos cursos de Ciências Contábeis desenvolvam a habilidade de se comunicar de maneira efetiva. Da mesma maneira, o mercado profissional também demonstra interesse nessa habilidade. Contudo, o que o mercado tem encontrado é um recém-formado que possui “comportamento tímido, introvertido e dificuldade de se expor em público” (MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014, p. 74). Um dos participantes da pesquisa de Marin, Lima e Casa Nova (2014, p. 79) ainda ressalta:

A capacidade de expressar-se em público é fundamental e noto que estagiários em geral não têm esta habilidade. Este é um tema importantíssimo para aqueles que desejam alcançar sucesso no mercado empresarial, pois quem se expressa bem em público ou perante os colegas (de curso ou de trabalho) dá os primeiros passos rumo à liderança de times e de empresas (resposta escrita de pergunta aberta, gerente de fundos de investimento, sexo masculino, 36 anos).

Na mesma linha, Miranda, Souza e Lima (2017) encontraram que, para os recrutadores pesquisados, a habilidade de comunicação oral é considerada relevante para 85,1% e a capacidade de comunicação escrita é considerada relevante para 97,9%. Entretanto, para os mesmos recrutadores, a comunicação oral é considerada inadequada para 48,9% deles, e a comunicação escrita é inadequada para 42,6%. Apesar da importância de tal competência observa-se uma deficiência, como mostram os trabalhos de Marin, Lima e Casa Nova (2014) e Miranda, Souza e Lima (2017), dessa maneira faz-se necessário entender quais as possíveis causas para tal deficiência.

## **2.1. *Communication Apprehension: Conceituação e Estudos Anteriores***

As deficiências e barreiras no desenvolvimento da competência de se comunicar têm sido estudadas há algumas décadas, sendo que inicialmente eram analisados unicamente a dificuldade de falar em público. Tal problema era usualmente atribuído ao medo do palco (ARQUERO et al., 2007). Contudo, Gilkinson (1942), Clevenger (1959) e Philips (1968) acreditavam que era importante entender melhor os sentimentos negativos relacionados à experiência de se comunicar. Tais pesquisadores ainda perceberam que os sentimentos negativos relacionados à comunicação se manifestavam em outros contextos além da comunicação oral.

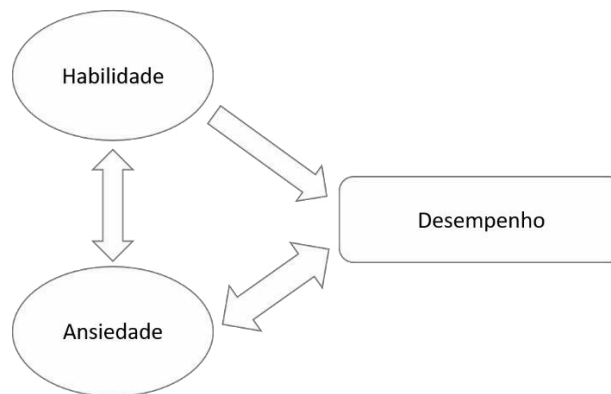
Dentre os sentimentos envolvidos no ato de se comunicar e no desenvolvimento de tal competência está o fenômeno chamado *Communication Apprehension* (CA) (traduzido livremente nesse trabalho como apreensão na comunicação). McCroskey, Daly e Sorensen (1976) definem apreensão na comunicação como um “medo ou ansiedade relacionado ao ato de comunicação” (p. 376). Pessoas que possuem um quadro de apreensão na comunicação tendem a evitar a comunicação sempre que possível, pois antecipam sentimentos e resultados negativos advindos dessa comunicação. Quando não conseguem evitar e são obrigadas a se comunicar, sofrem de ansiedade extrema.

Arquero et al (2017) afirmam que a apreensão na comunicação é uma barreira que

impede o desenvolvimento das habilidades e competências de comunicação, de forma que uma apreensão elevada está associada a um baixo desempenho de comunicação. Isso afeta a eficácia dos diversos métodos de ensino que os docentes poderiam utilizar no intuito de auxiliar o desenvolvimento da habilidade de comunicação nos alunos da graduação.

Outro ponto importante a ser considerado na discussão acerca da CA é a forma que o indivíduo está se comunicando. De maneira geral a CA pode ser dividida em dois tipos específicos: *Writing apprehension* (WA) que se relaciona à ansiedade, estresse e medo de se comunicar por escrito; *Oral Communication Apprehension* (OCA) que é o medo de se comunicar oralmente com as pessoas (SIMONS; HIGGINS; LOWE, 1995). Na literatura existem evidências o suficiente para afirmar que o nível de CA é maior quando o indivíduo precisa se comunicar oralmente (BYRNE; FLOOD; SHANAHAN, 2012).

Por fim, destaca-se que os níveis de ansiedade e apreensão não se traduzem nos níveis de competência que o indivíduo possui, contudo, a literatura anterior sugere uma relação entre os dois (SIMONS; HIGGINS; LOWE, 1995), sendo tal relação apresentada na figura 2.



**Figura 2 – Relação entre habilidade e desempenho**

Fonte: Simons, Higgins e Lowe (1995)

Visando mensurar e analisar a CA, Simons, Higgins e Lowe (1995) desenvolveram e validaram os instrumentos “Written Communication Survey (WCS)”, para análise da Comunicação Escrita e “The Personal Report of Communication Apprehension (PRCA)” para analisar a apreensão dos estudantes na elaboração de textos orais e escritos.

## **2.2. *Communication apprehension* (CA) e a Contabilidade: qual a relação?**

Simons, Higgins e Lowe (1995) aplicaram os instrumentos a estudantes do curso de Contabilidade e seus resultados mostram que os estudantes de contabilidade mostram maior apreensão tanto em relação à comunicação oral, quanto à comunicação escrita, quando comparados os alunos dos outros cursos da área de negócios. Os autores destacam ainda que foi encontrada diferença entre os sexos na análise da comunicação oral, tendo as mulheres maior apreensão que os homens. Semelhante a esses resultados Ameen et al. (2010) demonstra que os níveis de PRCA dos estudantes de Contabilidade são mais altos que nos demais estudantes da área de negócios.

Siriwardane, Low e Blietz (2015) ao analisarem as tarefas, atributos e habilidades relacionadas à comunicação de contadores recém-formados relatam que os profissionais recém-formados realizam mais tarefas relacionadas à comunicação escrita que oral, mas que a comunicação oral ainda supera a escrita se classificadas em ordem de importância.

Os autores destacam ainda, que na visão dos respondentes, uma habilidade importante a ser desenvolvida é o ato de ouvir. Por fim os autores afirmam que as habilidades de se

comunicar de maneira menos formal – em reuniões, conferências, etc. – é uma das habilidades mais importantes e menos trabalhadas durante a graduação, visto que na graduação a habilidade de se comunicar acontece principalmente por meio de apresentações formais e respostas a provas e exercícios.

Arquero, Fernández-Polvillo, Hassal e Joyce (2017) analisaram a relação entre traços de personalidade – apreensão comunicativa e tolerância à ambiguidade – e os estilos de aprendizagem. Segundo os resultados, indivíduos com maiores níveis de apreensão comunicativa em contextos formais tendem a ter um estilo de aprendizagem caracterizado pelo desinteresse em participar de discussões em sala de aula e maior absenteísmo, dessa maneira, relaciona-se negativamente com a independência do aluno.

### **3. METODOLOGIA**

Considerando o objetivo proposto, foi adotada como estratégia de pesquisa a aplicação de questionários para discentes do curso de ciências contábeis de uma instituição particular, localizada em uma cidade no interior do estado de São Paulo. O curso em questão é lecionado no período noturno, tem seu corpo docente composto por professores mestres e doutores, possui cerca de 280 alunos matriculados no curso pesquisado. A IES possui diversas unidades por todo o estado de São Paulo, além de polos de Educação a Distância no Brasil todo.

O instrumento utilizado para coleta dos dados possui duas partes. A primeira parte é composta por perguntas como idade, semestre do curso, renda mensal, trabalho, estudo entre outros, são perguntas que serviram para caracterizar a amostra e para definir as variáveis de controle. A segunda parte do instrumento é composta por 30 afirmações, que deveriam ser respondidas em escala Likert de cinco pontos. Essa segunda parte é a junção de dois questionários já validados na literatura: WCA-6 e PRCA-24. É importante ressaltar que ambos os instrumentos utilizam a escala Likert de 5 pontos sendo seus extremos “1 - Discordo Plenamente” e “5 - Concordo Plenamente”, mas ao final são convertidos em *scores* em que, quanto maior a pontuação do indivíduo maior a apreensão em relação a se comunicar.

O instrumento WCA-6 (*written communication apprehension*) é composto de seis afirmações cujo objetivo é medir a apreensão na comunicação escrita e foi desenvolvido por Arquero et al., (2012). Já o PRCA-24 (*Personal Report Of Communication Apprehension*), desenvolvido por McCroskey (1984), é composto por 24 afirmações que podem ser divididas em quatro situações: (i) grupos – que analisa o sentimento causado pelas discussões realizadas em grupos; (ii) reuniões – que analisa o sentimento causado em reuniões; (iii) conversas informais – que analisa o sentimento perante situações que permitem iniciar conversas informais; e (iv) falar em público – que analisa os sentimentos causados por situações em que o aluno fala em público (como um discurso em uma formatura).

Uma vez que ambos os instrumentos originais foram desenvolvidos em língua inglesa foi necessária a adaptação de ambos para a aplicação em língua portuguesa. Para a adaptação dos instrumentos, foi adotado o processo de adaptação transcultural proposto por Beaton et al. (2000), que envolve a tradução do idioma original para o idioma desejado por dois tradutores, o ajuste dessas traduções para uma versão única que é posteriormente submetida à tradução reversa por outros dois tradutores para verificar a compatibilidade do instrumento traduzido com o instrumento original.

A aplicação dos questionários aconteceu de maneira pessoal pelos pesquisadores durante as aulas. Ao total foram coletados 135 questionários, dos quais foram considerados 110 válidos devido ao fato de terem sido preenchidos de forma completa. Para a análise dos dados, os questionários foram tabulados com ajuda de planilha eletrônica e após, foram analisadas as estatísticas descritivas e aplicado o teste de *Kruskal Wallis* para verificar se há diferença entre os grupos analisados.

#### 4. RESULTADOS

A amostra do estudo é composta por estudantes do curso de Ciências Contábeis que tem faixa etária principal de 18 a 24 anos (71,82%), entre o segundo e o sétimo semestre do curso, sendo a maioria do sétimo semestre (41,82%). Em relação ao sexo, 52% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino. 91% dos respondentes afirmaram nunca ter cursado outro curso de ensino superior, 87% dos respondentes afirmam estar trabalhando atualmente enquanto 13% está desempregado. Observa-se ainda que cerca de 15% dos respondentes afirmam não possuir nenhuma experiência profissional anterior. Acerca do hábito de leitura 23,3% afirmam não ter o hábito de ler com frequência, 52,4% afirmam ler entre uma e três vezes por semana e 24,3% afirmam ler até cinco vezes por semana ou diariamente. Por fim acerca do hábito de escrita 30,1% afirmam não ter o hábito de escrever com frequência, 38,8% afirmam escrever entre uma e três vezes por semana e 31,1% afirmam escrever até cinco vezes por semana ou diariamente.

A partir das respostas obtidas com a pesquisa foi possível inicialmente analisar a distribuição de frequências das respostas para compreender o contexto geral das respostas. A Tabela 1 apresenta a distribuição de frequência das respostas obtidas acerca do instrumento WCA-6 – que analisa a apreensão em relação à comunicação escrita.

**Tabela 1 - Distribuição de Frequências do WCA-6**

Afirmção	1	2	3	4	5	TOTAL
Me sinto confiante com a minha capacidade de expressar claramente minhas ideias por escrito.	3,60%	10,00%	12,70%	48,20%	25,50%	100%
Gosto de escrever.	10,00%	20,00%	19,10%	37,30%	13,60%	100%
Quando tenho que escrever uma redação, eu sei que vou fazer uma redação ruim.	25,50%	37,30%	18,20%	15,50%	3,60%	100%
É fácil para mim escrever boas redações.	9,10%	25,50%	21,80%	39,10%	4,50%	100%
Não gosto que meu trabalho escrito seja avaliado.	28,20%	16,40%	35,50%	13,60%	6,40%	100%
Não sou bom em escrever.	21,80%	32,70%	21,80%	15,50%	8,20%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que, conforme Tabela 1, a maioria dos respondentes se sente confiante com sua capacidade de expressar claramente suas ideias por escrito, além de gostarem de escrever. Observa-se ainda que 62,8% dos respondentes carregam a crença de que suas redações serão ruins. Tal crença pode se apresentar como um fator que contribui para o aumento da apreensão e ansiedade social relativa à comunicação escrita, visto que pode significar uma baixa estima conforme mostra McCroskey, Daly e Sorensen (1976).

Observa-se também que não há um consenso entre participantes acerca da facilidade de escrever boas redações, uma vez que 34,60% discordam em algum nível com tal afirmação, mas 43,6% concordam em algum nível e 21,80% não discordam e nem concordam. Vale a pena destacar também que a grande parte (44,6%) dos respondentes não gostam que seus trabalhos sejam avaliados. Esse resultado é condizente com a literatura acerca da avaliação da aprendizagem que mostra que momentos de avaliação formal se mostram estressantes e desconfortáveis para os estudantes (FENILI et al., 2002; GIL, 2015). Por fim, destaca-se o fato de que a maior parte dos respondentes acredita que não são bons escritores e escritoras, fator que pode aumentar a apreensão de comunicar-se por escrito e tornar tal afirmação uma profecia auto-realizada.

Considerando que o segundo instrumento de mensuração e análise da apreensão em

relação à comunicação divide-se em quatro aspectos, cada aspecto será apresentado e discutido individualmente. As respostas obtidas acerca da percepção dos estudantes sobre a participação em discussões em grupo são apresentadas na Tabela 2.

**Tabela 2 - Análise das respostas do PRCA-24 acerca das discussões em grupo**

Grupo	Afirmativa	1	2	3	4	5	TOTAL
Discussões em Grupo	Não gosto de participar de discussões em grupo.	31,8%	25,5%	14,5%	19,1%	9,1%	100,0%
	Geralmente sinto-me confortável ao participar de discussões em grupo.	10,9%	20,9%	15,5%	31,8%	20,9%	100,0%
	Fico tenso e nervoso ao participar de discussões em grupo.	20,0%	17,3%	23,6%	24,5%	14,5%	100,0%
	Gosto de me envolver em discussões em grupo.	11,8%	18,2%	15,5%	29,1%	25,5%	100,0%
	Participar de discussões em grupo com pessoas novas me deixa tenso e nervoso.	12,7%	26,4%	20,9%	27,3%	12,7%	100,0%
	Fico calmo e descontraído quando participo de discussões em grupo.	17,3%	23,6%	26,4%	23,6%	9,1%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se na Tabela 2 que os estudantes se mostram favoráveis acerca da participação das discussões em grupo, contudo, mesmo sendo uma tarefa que eles gostam ainda se mostra um momento tenso para uma boa parte dos estudantes. Essa componente da comunicação acaba abarcando duas das principais competências buscadas pelas empresas nos profissionais contábeis: a comunicação e o trabalho em grupo (BYRNE; FLOOD & SHANAHAN, 2012). É interessante observar que a participação em discussões em grupo com pessoas novas é um aspecto que apresenta uma distribuição quase uniforme entre os respondentes.

**Tabela 3 - Análise das respostas do PRCA-24 acerca do contexto de reuniões**

Grupo	Afirmativa	1	2	3	4	5	TOTAL
Reuniões	Geralmente, fico nervoso quando tenho que participar de uma reunião.	10,9%	14,5%	16,4%	43,6%	14,5%	100,0%
	Geralmente fico calmo e relaxado quando participo de reuniões.	21,8%	37,3%	16,4%	20,9%	3,6%	100,0%
	Fico muito calmo e relaxado quando sou chamado a expressar minha opinião em uma reunião.	25,5%	32,7%	18,2%	20,9%	2,7%	100,0%
	Tenho medo de me expressar em reuniões.	13,6%	32,7%	21,8%	19,1%	12,7%	100,0%
	Comunicar-me em reuniões geralmente me deixa desconfortável.	13,6%	25,5%	20,9%	28,2%	11,8%	100,0%
	Fico muito relaxado ao responder perguntas em uma reunião.	12,7%	30,9%	23,6%	27,3%	5,5%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos acerca da participação em reuniões. Observa-se que nesse aspecto a apreensão tem níveis superiores quando comparado ao aspecto anterior.



Nota-se ainda que, de acordo com as respostas, os momentos que antecedem à reunião são vistos como os mais tensos, mas a partir do momento que os respondentes ingressam nas reuniões se mostram menos apreensivos e mais relaxados. Tal resultado pode ser explicado pelo fato de que durante a preparação para as reuniões os indivíduos podem imaginar as situações como pior do que são, causando assim altos níveis de ansiedade (GARDNER et al., 2005).

**Tabela 4 - Análise das respostas do PRCA-24 acerca do contexto de conversas informais**

Grupo	Afirmativa	1	2	3	4	5	TOTAL
Conversas Informais	Ao participar de uma conversa com um novo conhecido, sinto-me muito nervoso.	28,2%	25,5%	20,0%	19,1%	7,3%	100,0%
	Não tenho medo de falar em conversas.	6,4%	14,5%	24,5%	33,6%	20,9%	100,0%
	Geralmente fico muito tenso e nervoso em conversas.	29,1%	26,4%	28,2%	13,6%	2,7%	100,0%
	Geralmente fico muito calmo e relaxado em conversas.	3,6%	15,5%	29,1%	33,6%	18,2%	100,0%
	Quando converso com um novo conhecido, me sinto muito relaxado.	3,6%	20,0%	31,8%	27,3%	17,3%	100,0%
	Tenho medo de falar em conversas.	34,5%	26,4%	21,8%	15,5%	1,8%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa

No mundo cada vez mais globalizado um aspecto importante para a colocação e ascensão profissional é a criação e manutenção de redes de contatos, principalmente por meio de conversas informais nos mais diversos contextos. A Tabela 4 apresenta as respostas acerca da apreensão nos momentos de conversas informais.

Observa-se que os respondentes se mostram mais tranquilos e menos apreensivos nesse aspecto, sendo a questão com maior nível de apreensão a questão que envolve conversar com um novo conhecido. Dessa maneira é possível inferir, de acordo com as Tabelas 2, 3 e 4, que o nível de formalidade do contexto e ocasião influencia diretamente a apreensão enfrentada durante a comunicação. Tal resultado é semelhante ao estudo qualitativo desenvolvido por Byrne, Flood e Shanahan (2012) e vai ao encontro dos fatores de apreensão destacados por Buss (1980).

**Tabela 5 - Análise das respostas do PRCA-24 acerca do contexto de falar em público**

Grupo	Afirmativa	1	2	3	4	5	TOTAL
Falar em Público	Não tenho medo de fazer um discurso.	36,4%	21,8%	11,8%	20,0%	10,0%	100,0%
	Certas partes do meu corpo se sentem muito tensas e rígidas ao fazer um discurso.	8,2%	12,7%	16,4%	30,0%	32,7%	100,0%
	Sinto-me relaxado durante um discurso.	38,2%	26,4%	17,3%	14,5%	3,6%	100,0%
	Meus pensamentos se tornam confusos e atrapalhados quando estou fazendo um discurso.	19,1%	20,0%	17,3%	20,0%	23,6%	100,0%
	Eu enfrento a possibilidade de fazer um discurso com confiança.	17,3%	25,5%	24,5%	19,1%	13,6%	100,0%
	Quando faço um discurso, fico tão nervoso, que me esqueço de fatos que conheço bem.	19,1%	19,1%	13,6%	21,8%	26,4%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa

O último aspecto avaliado pelo PRCA-24 são as situações que envolve falar em público. Observa-se na Tabela 5 que não há um consenso dos respondentes acerca dos momentos de ansiedade e apreensão. É perceptível uma grande discordância acerca do sentimento trazido por realizar discursos em público e seus efeitos – pensamentos confusos e esquecimento de fatos bem conhecidos. Diversas teorias oriundas da psicologia conseguem trabalhar com maior detalhe esse sentimento dos discentes.

Outro aspecto que pode ser apontado aqui, é o fato de o estudante chegar em seu curso de graduação, sem uma preparação específica para essa habilidade de falar em público. Um número grande de metodologias de ensino envolve a interação com um grupo de colegas ou até mesmo com a sala toda, e isso gera um desconforto ao discente, ao ter que se posicionar sobre determinado assunto. Alguns alunos reagem bem a essas situações, com maior desenvoltura, e a cada apresentação, superam suas dificuldades. Na contramão, outros estudantes tem suas dificuldades aumentadas conforme o número de apresentações que são expostos.

**Tabela 6 - Análise dos scores**

	<b>Mínimo</b>	<b>Médio</b>	<b>Máximo</b>
WCA-6	66,00	75,31	89,00
Grupo	6,00	19,07	30,00
Reunião	6,00	16,52	30,00
Conversas informais	6,00	21,20	30,00
Público	6,00	15,58	30,00
Geral - PRCA-24	24,00	72,37	120,00

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme mencionado anteriormente além de apresentar as respostas por meio de escala Likert os instrumentos de pesquisa fornecem uma equação para expressar o nível de apreensão por meio de um score. O score deve ser interpretado quanto maior, maior a apreensão relacionada aquele momento.

Conforme observa-se na Tabela 6 existe uma diferença entre os scores de comunicação escrita e oral, conforme esperado pela literatura (BYRNE; FLOOD; SHANAHAN, 2012). Considerando que a pontuação mais alta indicada pelo WCA-6 foi 89 a média corresponde a um score de 84% dessa pontuação mostrando um alto nível de apreensão. Já acerca do score geral do PRCA-24 a média representa cerca de 60%, o que indica uma apreensão razoável, mas significativamente mais baixa que a obtida na comunicação escrita. Ao comparar tal resultado, ele é inverso ao esperado, dado que conforme mostra o trabalho de Byrne, Flood e Shanahan (2012) é esperado que o nível de apreensão para a produção oral seja mais elevado. Dentre as possíveis explicações para o resultado encontram-se fatores culturais, institucionais – uma vez que o contexto influencia o nível de apreensão – e características dos próprios participantes da pesquisa.

Por fim, observa-se que os scores médios dos quatros grupos do PRCA-24 a média se mostrou mais alta para o contexto de conversas informais. Entende-se que apesar de ser um contexto mais informal é um contexto mais desestruturado, apresentando diversas e inúmeras possibilidades de interação podendo causar ansiedade nos indivíduos. Tal resultado é semelhante ao encontrado por Hassall et al. (2000), contudo é mais baixo que o encontrado pelos autores com estudantes de administração e contabilidade do Reino Unido, cujas médias foram 26,88 e 29,69 respectivamente.

Visando obter maior robustez estatística e analisar se existem diferenças significativas entre grupos que compõem a amostra foi realizado o teste estatístico de Kruskal-Wallis. Conforme apresentado anteriormente a apreensão acerca do ato de se comunicar pode ser influenciada por diversos fatores inerentes ao indivíduo. Para o presente trabalho foram analisados três diferentes grupos para analisar se existiam diferenças: sexo, experiência profissional anterior e experiência profissional vigente. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 - Resultados do teste de Kruskal-Wallis

Dimensão Analisada	Questão	Sexo		Trabalhou Anteriormente		Trabalha Atualmente	
		H de Kruskal-Wallis	Significância Sig.	H de Kruskal-Wallis	Significância Sig.	H de Kruskal-Wallis	Significância Sig.
WCA-6	Q1	2,39	0,1222	0,001	0,9808	1,272	0,2593
	Q2	1	0,3169	0,063	0,8017	1,257	0,2623
	Q3	1,69	0,1939	0,165	0,6845	1,218	0,2697
	Q4	0,67	0,4124	0,864	0,3527	0,927	0,3356
	Q5	6,24	0,0125**	0,018	0,8925	0,021	0,8844
	Q6	1,49	0,2221	2,502	0,1137	0,004	0,9512
PRCA-24: Discussões em Grupo	Q7	1,19	0,2747	0,329	0,5664	1,028	0,3106
	Q8	0,63	0,4277	0,388	0,5334	2,047	0,1525
	Q9	3,06	0,0802*	5,051	0,0246**	0,017	0,8965
	Q10	2,05	0,1519	0,981	0,322	1,272	0,2594
	Q11	4,41	0,0358**	3,292	0,0696*	0,175	0,676
	Q12	5,67	0,0173**	0,087	0,7683	0,255	0,6138
PRCA-24: Reuniões	Q13	11,61	0,0007***	0,164	0,6852	0,121	0,7282
	Q14	7,31	0,0069***	0,196	0,6577	0,008	0,9297
	Q15	4,62	0,0317**	0,803	0,3703	0,008	0,9301
	Q16	3,21	0,0734*	0,624	0,4297	0,785	0,3755
	Q17	4,83	0,028**	0,208	0,6484	8,87	0,0029***
	Q18	2,54	0,1109	0,398	0,5282	0,02	0,8884
PRCA-24: Conversas Informais	Q19	1,03	0,3104	0,18	0,6714	0,708	0,4002
	Q20	2,47	0,1159	0,336	0,5621	0,505	0,4775
	Q21	0,31	0,5804	0,026	0,8709	1,817	0,1777
	Q22	0,09	0,7601	0,649	0,4205	0,677	0,4105
	Q23	0,71	0,3986	0,033	0,8564	0,658	0,4172
	Q24	1,57	0,2108	1,524	0,217	1,553	0,2126
PRCA-24: Falar em Público	Q25	2,47	0,1163	0,004	0,9518	0,16	0,6893
	Q26	14,61	0,0001***	0,467	0,4945	0,043	0,8364
	Q27	5,84	0,0157**	0,331	0,5648	0	0,9894
	Q28	2,73	0,0987*	0,004	0,9489	0,691	0,4058
	Q29	8,04	0,0046**	0,037	0,8471	0,784	0,376
	Q30	9,08	0,0026***	0,027	0,8688	1,963	0,1612

Fonte: Dados da pesquisa Nota: \*\*\* indica a existência de diferença estatisticamente significante a 1%; \*\* indica a existência de diferença estatisticamente significante a 5%; \* indica a existência de diferença estatisticamente significante a 10%.

Observa-se na Tabela 7 que acerca da comunicação escrita existe apenas diferença

significativa na variável “Q5 – Não gosto que meu trabalho escrito seja avaliado” acerca dos grupos separados por sexo. Já na análise da apreensão de se comunicar oralmente observam-se diversas variáveis com diferença estatisticamente significativa.

Acerca das “discussões em grupo” observa-se que as três questões relacionadas aos sentimentos de calma e nervosismo apresentam diferenças significativas quando analisam-se os sujeitos separados por sexo. De maneira semelhante observam-se diferenças significativas para a diferenciação entre pessoas com e sem experiência profissional anterior, demonstrando que a capacidade de se comunicar oralmente e por escrito acaba sendo desenvolvida no contexto do trabalho mostrando-se um processo de aprendizagem experiencial (PIMENTEL 2007).

No aspecto “reuniões” observa-se diferença estatisticamente significativa em cinco das seis variáveis quando analisa-se a questão do sexo e diferença significativa para a variável “Q17 – Comunicar-me em reuniões geralmente me deixa desconfortável” para o grupo que possui experiência profissional vigente. Acerca das “conversas informais” não foram observadas nenhuma diferença estatisticamente significativa para os grupos testados. Por fim, observa-se que ao analisar a dimensão “falar em público” observa-se diferença estatisticamente significativa em cinco das seis variáveis quando separamos os sujeitos de acordo com o sexo.

De maneira geral é perceptível a diferença de apreensão entre sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino em contextos formais quando trata-se da comunicação oral, sendo possível explicar tal diferença base em algumas discussões já encontradas na literatura. É importante lembrar que o contexto histórico-social da Contabilidade como um todo é encarado como um espaço masculino, dessa maneira, as mulheres enfrentam diversas barreiras não só para entrar nesse espaço, mas para se manter e ascender (LEHMAN, 1992; HAYNES, 2017).

A partir do contexto de um espaço socialmente masculino e que, conseqüentemente, privilegia os homens já é possível entender que o local de fala dos homens possui maior prestígio que o das mulheres, assim, os erros e julgamentos cometidos por homens tendem a ter uma maior margem de compreensão devido ao *old boy's club*. Outros fenômenos encontrados na literatura que contribuem para maior apreensão feminina de se comunicar em contextos formais são o *manterrupting*, o *bropropriating* e o *mansplaining*.

Segundo Liguori (2015) o fenômeno conhecido como *manterrupting* acontece em reuniões, palestras, debates e diversos cenários em que as mulheres não conseguem finalizar sua fala devido as interrupções desnecessárias de outros indivíduos. Já o *bropropriating* pode ser definido como a situação em que “a mulher expõe uma ideia, é ignorada, e em seguida um homem expõe a mesma ideia, contudo é ouvido. É uma surdez seletiva correlacionada ao gênero” (WERBA; CARVALHO, 2018, p. 11). Por fim, o *mansplaining* acontece quando um homem dedica seu tempo a explicar algo óbvio para uma mulher, podendo também acontecer quando o indivíduo tenta explicar algo para a mulher, sendo que ela é expert no assunto (LIGUORI, 2015). Dessa maneira a diferença entre os níveis de apreensão entre homens e mulheres pode ser explicado pelas práticas sexistas que permeiam não só a contabilidade, mas a nossa sociedade como um todo e silencia as mulheres nos mais diversos contextos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que historicamente, o profissional contábil - desde a época de estudante da graduação - possui o estereótipo de uma pessoa introvertida e que se identifica mais com atividades profissionais que não exigem um contato próximo com seus clientes. Entretanto, este cenário vem se alterando aos poucos. Nos dias atuais, com o elevado número de profissionais contábeis e escritórios de contabilidade existentes, o profissional da área precisa se destacar no mercado. Esse destaque, vem justamente com um contato mais próximo com seu cliente, inclusive oferecendo serviços que vão além da contabilidade tradicional, como por exemplo consultorias. Assim, a necessidade de se comunicar tem aumentado a cada dia, seja por meio

de relatórios e projetos, seja de forma oral, por meio de reuniões e visitas aos clientes. Assim, se faz necessário desenvolver, desde a graduação, a habilidade de comunicação. Nesse sentido, este estudo discutiu a comunicação oral e escrita no ambiente contábil.

Nesse cenário, o presente estudo tem o objetivo de analisar a percepção dos discentes do curso de Ciências Contábeis acerca do sentimento de apreensão no desenvolvimento de textos escritos e orais, elementos essenciais para o desenvolvimento das competências de Comunicação. A apreensão na comunicação é um obstáculo que os estudantes enfrentam ao tentar melhorar sua habilidade de comunicação, assim, o questionário aplicado buscou coletar dados acerca do nível de apreensão oral e escrita desses estudados, por meio dos instrumentos WCA-6 e PRCA-24.

Os resultados corroboram o que foi levantado na revisão de literatura. Para a análise da comunicação oral, os itens relativos a trabalhar em grupo e iniciar uma conversa informal, foram os itens que mais se destacaram. Dessa forma, essas duas são as situações que mais causam apreensão nos estudantes pesquisados. No que tange a comunicação escrita, os resultados indicam que o fenômeno apreensão está presente nos respondentes ao elaborar textos escritos.

Ao comparar grupos de controle (semestre que está cursando, sexo, trabalha atualmente e já trabalhou anteriormente), o grupo que apresentou diferenças estatisticamente significativas foi Sexo, especificamente nos atos de falar em público e em reuniões. Esse resultado pode ser entendido à luz da história contábil, tendo em vista que a contabilidade está inserida em um ambiente historicamente masculino, o que costuma causar desconforto para as mulheres.

A principal contribuição do trabalho é apresentar os níveis de apreensão na comunicação dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis perante o ato de desenvolver textos escritos e orais, componentes essenciais do ato de se comunicar. A análise dos níveis de apreensão pode auxiliar os docentes, coordenadores de cursos e órgãos reguladores a (re)pensar estratégias para diminuir a apreensão e melhorar o desenvolvimento dessa habilidade.

No âmbito da sala de aula, o professor pode propor o uso de metodologias que façam os alunos escrever, se expressar oralmente e até fazer apresentações. Entretanto, cabe ao professor criar um clima amigável e gentil em sala, para que o aluno com maiores dificuldades, possa se sentir acolhido no momento de sua exposição. Bem como é papel do professor, prover feedback dos textos escritos e das apresentações orais, sempre ressaltando o lado positivo do trabalho executado pelo aluno e tecendo suas críticas de forma clara e gentil, falando sobre o trabalho e não sobre aspectos pessoais do aluno. Essas atitudes levam o discente a criar confiança em seu trabalho, e aos poucos desenvolve as habilidades de comunicação escrita e oral.

No âmbito da Instituição de Ensino Superior, podem ser oferecidas atividades extraclasse, como cursos, palestras, workshops, atendimento especializado com psicólogos, enfim, ações que, com a presença de especialistas no assunto, possam colaborar no desenvolvimento de tais habilidades por parte dos discentes.

Como limitação destaca-se o fato de ser apenas uma instituição analisada, dessa maneira, a generalização dos resultados é comprometida. Para pesquisas futuras sugere-se o aprofundamento das discussões acerca do local de fala da mulher nos contextos profissionais da Contabilidade e mais trabalhos aprofundando as discussões acerca do desenvolvimento das competências e habilidades relacionadas à comunicação.

## **REFERÊNCIAS**

AMEEN, Elsie; BRUNS, Sharon M.; JACKSON, Cynthia. Communication skills and accounting: do perceptions match reality?. **The CPA Journal**, v. 80, n. 7, p. 63, 2010.

ARQUERO, José L. et al. Accounting students and communication apprehension: a study of

Spanish and UK students. **European Accounting Review**, v. 16, n. 2, p. 299-322, 2007.

ARQUERO, J. L.; FERNANDEZ-POLVILLO, C.; HASSALL, T.; JOYCE, J. Properties of a short measure for written communication apprehension in university students. In: ICERI conference. **Anais...** Madrid, Espanha, 2012.

ARQUERO, J. L.; FERNANDEZ-POLVILLO, C.; HASSALL, T.; JOYCE, J. Relationships between communication apprehension, ambiguity tolerance and learning styles in accounting students. **Revista de Contabilidad**, v. 20, n. 1, p. 13-24, 2017.

BALDVINSDDOTTIR, Gudrun et al. The image of accountants: from bean counters to extreme accountants. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 22, n. 6, p. 858, 2009.

BARTH, M. E. Global financial reporting: Implications for US academics. **The Accounting Review**, v. 83, n. 5, p. 1159-1179, 2008.

BEATON, D. E.; BOMBARDIER, C.; GUILLEMIN, F.; FERRAZ, M. B. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. **Spine**, v. 25, n. 24, p. 3186-3191, 2000.

BYRNE, M.; FLOOD, B.; SHANAHAN, D. A qualitative exploration of oral communication apprehension. **Accounting Education**, v. 21, n. 6, p. 565-581, 2012.

CLEVENGER JR, Theodore. A synthesis of experimental research in stage fright. **Quarterly Journal of Speech**, v. 45, n. 2, p. 134-145, 1959.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO [CNE]. Resolução nº 10 de 16 de dezembro de 2004. **Diretrizes curriculares para o curso de graduação em Ciências Contábeis**, 2004. Acesso em 02 de fevereiro de 2018, disponível em [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces010\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces010_04.pdf)

CORNACCHIONE JR, E.B.; TROMBETTA, M.R. Um estudo empírico da percepção dos alunos de Contabilidade sobre as habilidades de comunicação adquiridas na graduação. **Revista Brasileira de Contabilidade**. v. 152, p. 82-97, 2005.

FENILI, Rosangela Maria et al. Repensando a avaliação da aprendizagem. **Revista Eletrônica de enfermagem**, v. 4, n. 2, 2002.

GARDNER, Clare T. et al. Oral and written communication apprehension in accounting students: Curriculum impacts and impacts on academic performance. **Accounting Education**, v. 14, n. 3, p. 313-336, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. Atlas, 2015.

GILKINSON, Howard. Social fears as reported by students in college speech classes. **Communications Monographs**, v. 9, n. 1, p. 141-160, 1942.

HASSALL, Trevor et al. Communication apprehension in UK and Spanish business and accounting students. **Education+ Training**, 2000.

HAYNES, K. Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 43, p.110-124, 2017.

HIRSCH, M.; ANDERSON, R.; GABRIEL, S. **Accounting & communication**. Cincinnati: South-Western Publishing Co, 1994.

International Accounting Education Standards Board [IAESB]. **Handbook of International Education Pronouncements**. 2017.

JACKLING, B.; HOWIESON, B.; NATOLI, R. Some implications of IFRS adoption for accounting education. **Australian Accounting Review**, v. 22, n. 4, p. 331-340, 2012.

LAWSON, Raef A. et al. Thoughts on competency integration in accounting education. **Issues in Accounting Education**, v. 30, n. 3, p. 149-171, 2015.

LEHMAN, Cheryl R. "Herstory" in accounting: The first eighty years. **Accounting, Organizations and Society**, v. 17, n. 3-4, p. 261-285, 1992.

LIGUORI, Maíra. **O machismo também mora nos detalhes**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes>>. Acesso em: 12 maio 2016.

LIMA, J.P.R.; ARAUJO, A.M.P. Perfil do egresso e habilidades esperadas: análise dos projetos político-pedagógicos dos cursos de ciências contábeis das universidades públicas do estado de São Paulo. In: V Congresso Brasileiro de Educação. **Anais...** Bauru, SP, Brasil, 2015.

MARIN, T. I. S.; LIMA, S. J.; CASA NOVA, S. P. C. Formação do Contador - o que o Mercado quer, é o que ele tem? um Estudo sobre o Perfil Profissional dos Alunos de Ciências Contábeis da FEA-USP. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 25, n. 2, p. 59-83, 2014.

MCCROSKEY, J.C. **The communication apprehension perspective**. Beberly Hills, CA: Sage Publications, 1984.

MCCROSKEY, J.C.; DALY, J.A.; SORENSEN, G. Personality correlates of communication apprehension: A research note. **Human communication research**. v. 2, n. 4, p. 376-380, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1976.tb00498.x>

MIRANDA, C. S.; SOUZA, T. C.; LIMA, J. P. R. O Perfil Esperado Vs Encontrado nos Profissionais Contábeis Recém-Formados. In: Congresso UnB de Contabilidade e Governança, 2017, Brasília. **Anais do III Congresso UnB de Contabilidade e Governança, 2017**.

PIMENTEL, Alessandra. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, n. 2, p. 159-168, 2007.

PHILLIPS, Gerald M. **Reticence: Pathology of the normal speaker**. Communications Monographs, v. 35, n. 1, p. 39-49, 1968.

SIMONS, K.; HIGGINS, M.; LOWE, D. A profile of communication apprehension in accounting majors: Implications for teaching and curriculum revision. **Journal of Accounting**

**Education**, v. 13, n. 2, p. 159-176, 1995.

SIRIWARDANE, H. P.; LOW, K. Y.; BLIETZ, D. Making entry-level accountants better communicators: A Singapore-based study of communication tasks, skills, and attributes. **Journal of Accounting Education**, v. 33, n. 4, p. 332-347, 2015.

SITHOLE, Seedwell. Quality in accounting graduates: employer expectations of the graduate skills in the Bachelor of Accounting degree. **European Scientific Journal**, v. 11, n. 22, p. 165-180, 2015.

SUNDER, S. Adverse effects of uniform written reporting standards on accounting practice, education, and research. **Journal of accounting and public policy**, v. 29, n. 2, p. 99-114, 2010.

WERBA, G. C.; CARVALHO, M. C. Não nos deixam falar, então não somos interrompidas: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero. **Conversas Interdisciplinares**, v. 14, n. 1, 2018.